



Os Cercos de Bagé e da Lapa — Duas Resistências Épicas na História Militar do Brasil

Claudio Moreira Bento*

O autor apresenta um enfoque original sobre duas brilhantes páginas da história do nosso Exército, escritas na República. No tópico "O Exército na Revolução Federalista", apresenta aspectos da evolução histórica da Força passíveis de repetição, em função do grau de sensibilidade política às necessidades e aspirações que lhe são peculiares.

Em 5 de fevereiro de 1893, teve início a Revolução Federalista que ensanguentou e enlutou o Rio Grande, Santa Catarina e Paraná, com padrões de violência inauditos registrados de parte de ambos os contendores, razão de haver passado à História como a Revolução dos Bárbaros, Maldita, da Degola e dos Fuzilamentos.

Nessa data, invadiram o Rio Grande, pelo Uruguai, forças federalistas, ao comando de João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares)

* Coronel de Engenharia e Estado-Maior, sócio efetivo do Instituto de Geografia e História Militar.

e de Gumersindo Saraiva, rio-grandense com experiência nas lutas intestinas no Uruguai, vocação militar nata, consagrado como o "Napoleão dos Pampas".

A Invasão teve seu destino selado na indecisa batalha de Inhanduí,¹ em 3 de maio de 1893, próximo a Alegrete, após o que os federalistas retornaram ao Uruguai.

Os chefes citados, respectivamente, liderariam os cercos de Bagé e da Lapa. Joca Tavares cercou Bagé por 46 dias, após vitória marcante em Rio Negro, seguida de um massacre por degola, sem precedentes. Gumersindo Saraiva cercou a Lapa por 26 dias. O

1. Vide Hélio M. Mariante. Inhanduí e controvérsias. REB nº 4, 1993.

estudo em paralelo dos dois eventos é feito aqui, pela primeira vez.

Gumersindo voltou ao Rio Grande em 15 de julho de 1893, em pleno inverno, e deu início a sua épica marcha de cerca de 2.500km, de Jaguarão a Ponta Grossa, de onde retornaria. Em sua marcha obteria aniquilante vitória em Cerro do Ouro,² São Gabriel-RS, até ser retardado na tranqueira da Lapa, que resistiria, a todo o custo, por 26 dias, dando tempo à organização da Barreira de Itararé, que o obrigou a retornar a Ponta Grossa, e à organização e adestramento da Esquadra Legal, no nordeste, que libertaria o Rio, Santa Catarina e Paraná dos revoltosos na Armada.

Joca Tavares, sob pressão uruguaia e estímulo da Revolta na Armada (de 1/5 de seus integrantes), invadiu o Rio Grande. Deu início ao cerco de Bagé. Com o grosso de suas tropas, atacou, em Rio Negro-RS, o Comando-em-Chefe das Operações contra a Revolução no Rio Grande, o Marechal Izidoro Fernandes. Após renhido combate, Izidoro Fernandes rendeu-se, sob promessa de garantia de vida. O que seguiu, foi descrito por Pedro Calmon:³ *“Em Rio Negro capitulou a tropa governista com o Marechal Izidoro e sua oficialidade. Manchou a vitória o sacrifício dos prisioneiros, em terrível carnificaria (carnificina) de funestas conseqüências para a Revolução Federalista.”*

Após Rio Negro, Joca Tavares apertou o cerco de Bagé, que durou 46 dias em razão da liderança épica da resistência a todo o custo, levada a efeito pelo Coronel Carlos Telles, Comandante da Guarnição e Fronteira de Bagé.

O EXÉRCITO BRASILEIRO NA REVOLUÇÃO FEDERALISTA

O Exército, segundo o insuspeito Edmundo Coelho de Campos,⁴ foi alvo de uma política de erradicação violenta, de 1831 a 1841, prudente e sutil, de 1841 a 1889, e de cooptação na República Velha.

Após as lutas externas (1851-70) e, particularmente, das mortes dos senadores General Osório, em 1879, e Caxias, em 1880, a erradicação acentuou-se ao ponto de ser criado, em 1881, o Diretório Militar,⁵ sob a liderança, inclusive, do Marechal Deodoro, com vistas à eleição de oficiais das Forças Armadas pelos três partidos para, no Congresso, lutarem pelos interesses do Exército e da Armada. Não obtiveram êxito. Sua luta foi desaguar na Questão Militar e, em conseqüência, na fundação do Clube Militar (1887), na Abolição (1888) e na República (1889).⁶

Após as lutas externas, pelo Regulamento de Ensino do Exército de 1874, ficou consagrado o “oficial bacharel”, e engenheiro,

2. Vide Osório Santana Figueiredo. *História de São Gabriel*, 1993.

3. *História Geral do Brasil*, v. 7.

4. Vide CAMPOS, *Em busca de identidade o Exército e a Política na Sociedade Brasileira*. Rio, Forense, 1976.

5. Vide Garcez Palha, *Efemérides Navais*. Rio, S Doc Ge Marinha, 1983, p. 63.

6. Vide, do autor, *O Exército na Proclamação da República*. Rio, SENAI, 1989 e artigos em *Cadernos da Comissão*. Rio, Bibliex-Senai, 1991.

com o título de doutor mais apreciado, então, que o do posto hierárquico. Em consequência, os não bacharéis, chamados "tarimbeiros",⁷ passaram a ser discriminados pelos bacharéis e pela sociedade e, assim, descuradas e desprestigiadas as atividades voltadas para a segurança do País.⁸

O Regulamento de 1874 procurava, a um só tempo, a solução de dois problemas: evitar a erradicação do Exército e valorizar, socialmente, o oficial com títulos de bacharel e doutor. No período de 1822-70, de lutas internas e externas, o casamento com um oficial profissional era viuvez e orfandade potenciais, ao lado de ausências prolongadas do chefe de família, aliado a um sistema previdenciário precário. Os bons partidos eram os advogados, médicos, comerciantes, fazendeiros de café, etc...⁹

Foi assim que o Exército chegou à República, abandonado, discriminado, desequipado, desmotivado e com operacionalidade muito inferior a que atingira na última guerra.¹⁰ A culpa era das autoridades dirigentes e não da instituição.

Com a República esta situação não se alterou.

Pelo contrário, foi agravada com o Regulamento de 1890, baixado pelo Doutor Tenente-Coronel Benjamin Constant, que conquistara o Ministério da Guerra por sua

liderança marcante no processo que desaguou na República.

Foi este Exército, com a maioria de suas lideranças voltadas para questões divorciadas do desenvolvimento de sua Doutrina (organização, equipamento, instrução, motivação e emprego) que enfrentou a Revolução Federalista combinada com a Revolta na Armada na Região Sul e, a Revolta da Armada, no Rio de Janeiro.

Esse equívoco doutrinário no ensino do Exército perdeu por 30 anos e só começou a ser corrigido após a Revolta da Vacina Obrigatória na Escola Militar, em 1904. A Revolta foi seguida do fechamento e extinção da Escola e a adoção do Regulamento de Ensino de 1905, ponto de inflexão do bacharelismo para o profissionalismo militar.

Tal ponto de inflexão foi iniciado ao ser implantada a Escola de Guerra em Porto Alegre (1906-11), Escola para não deixar dúvidas sobre as finalidades do seu ensino.

O Regulamento de 1905 foi implementado, de fato, com a Missão Indígena no Realengo (1919-21) e ali consolidado pela Revolução de 1930, através do Coronel José Pessoa, o idealizador da Academia Militar das Agulhas Negras, inaugurada há 50 anos, em 1º de março de 1944.¹¹

O Regulamento de Ensino de 1905 foi baixado pelo Ministro da Guerra, General

7. Vide nota anterior "Tarimbeiro" — o acostumado a dormir em tarimba, estrado de madeira que servia de cama coletiva nos quartéis. Refere-se ao militar dedicado a vida na tropa e conhecedor de seus problemas.

8. Vide informações pertinentes nas fontes citadas na nota 6.

9. Conclusão com apoio em Adriano B. de Souza. *Revista da Família Acadêmica (Praia Vermelha)*. Monografia final do curso de História na UFRJ, dezembro de 1992 (analisa a *Revista da Família Acadêmica* da Escola Militar, dezembro de 1887 a abril de 1889. Valiosa, reveladora e inédita contribuição).

10. Vide fontes citadas na nota 6. Esta circunstância foi uma motivação forte que, não atendida, desaguou na Proclamação da República, antes passando pela fundação do Clube Militar. Esta estudada no número especial da RCM 288, 1987 com todos os protagonistas.

11. Vide, do autor, 1994 — *o ano do Jubileu da AMAN em Resende*. Volta Redonda, Gazetilha, 1994.

Francisco Paula Argolo, que fora comandante da atual 5ª RM em Curitiba, e passara, por ordem superior, o comando da Lapa a Gomes Carneiro e o da 5ª RM atual ao General Pego Junior, na iminência da invasão federalista do Paraná.

À baixa operacionalidade do Exército, em decorrência da política de erradicação e dos regulamentos de 1874 e 1890, já citados, soma-se a grande influência das disputas políticas civis nos quartéis da Região Sul durante a Revolução. A política originou pressões familiares que dividiram os oficiais entre republicanos e federalistas, provocando muitas deserções ou neutralizando operacionalmente muitas unidades. E o governo teve de recorrer a civis denominados Patriotas, muitos valorosos, mas sem experiência militar. Os Patriotas constituíram a Cavalaria do governo no Rio Grande do Sul, já que a do Exército, por falta crônica de cavalos, esteve ausente dos confrontos. Por falta dessa Cavalaria foi que Carlos Telles e Gomes Carneiro tiveram que recorrer à defesa a todo o custo em localidades. O Marechal Izidoro, surdo aos conselhos do líder de sua Cavalaria civil, Coronel Manoel Pedroso de Oliveira, no sentido de reforçar Carlos Telles em Bagé e lá resistir a invasão, teve o triste fim já mencionado.

São considerações que se impõem antes de avançarmos em nossa exposição.

PERFIL DOS LÍDERES DAS RESISTÊNCIAS AOS CERCOS DE BAGÉ E DA LAPA¹²

Carlos Maria da Silva Telles (1848-99)¹³

Nasceu em Porto Alegre, em 31 de outubro de 1848. Foi Soldado do 33º Batalhão de Voluntários da Pátria (VP). Integrou o Piquete de Segurança de D. Pedro II que o acompanhou até a rendição de Uruguaiana, em 18 de setembro de 1865. Transferido para o 30º Batalhão de VP, tomou parte na Campanha do Paraguai. Foi ferido em Estero Bellaco e participou das ações mais arriscadas do seu Batalhão. Foi ferido, pela segunda vez, em Itororó, sendo promovido, por bravura, a alferes do Exército. Foi ajudante do comandante do 2º Corpo-de-Exército e condecorado com a Medalha do Mérito Militar, em 28 de junho de 1865, por atos de bravura. Finda a guerra, serviu na Infantaria nos 6º (São Paulo), 4º (Recife), 12º (Rio Grande). Neste, combateu os Muckers, em São Leopoldo-RS, em 1874. Capitão em 1886, serviu nos 15º (Pará), 13º (Porto Alegre), 10º e 7º (Rio). Em 1888, integrou a Força de Observação, em Mato Grosso, ao comando do Marechal Deodoro, no 7º. Serviu no 22º (Rio) e no 20º (Goiás). Com este, viajou para o Amazonas, dentro de um esquema de esvaziar, no Rio, o

12. Estudamos o sítio de Bagé na projetada História da 3ª RM v. 2, onde reunimos expressivo número de fontes primárias alusivas. Estudou-o Tarcísio Taborda, REB nº 4, 1993 (republicado) e apresentamos estudo específico no Seminário de Fontes para a História da Revolução Federalista em Bagé, em 1993, para publicação nos *Anais do Seminário*, v. 3. O cerco da Lapa é estudado, entre outros, por J. B. Magalhães — *A Consolidação da República*, Rio, Bibliex, 1947, e por Mario Tourinho REB, nº 4, 1993.

13. É estudado por José Luiz Silveira in: *Revolução Federalista*. Palegre, CIPEL, 1993 (Antologia) e por João Pereira de Oliveira *Vultos e fatos nossa História*. Palegre, M. Livreiro, 1985, 3ª ed.

apoio ao Marechal. Proclamada a República, retornou com o seu batalhão ao Rio. Major aos 25 anos de serviço, foi para o 26º (Alagoas) e, a seguir, para o 14º (Recife). Tenente-Coronel, em 21 de março de 1891, foi comandar o 31º (Ouro Preto). Em 1893, logo depois do início da Revolução Federalista, foi transferido, com o 31º, para Bagé, onde assumiu o comando da Guarnição e Fronteira de Bagé, a cuja frente teve o seu glorioso e épico encontro com a História, ao comandar a resistência a todo custo, de Bagé, sob cerco dos federalistas.

Carlos Telles com essa resistência, impediu os federalistas de conquistarem Bagé — a chave de acesso a Pelotas, liderança republicana da Zona Sul do Estado, exercida pelo Coronel Pedro Osório, sobrinho do General Osório e seu alferes heróico em Monte Caseros — e mais a cidade de Rio Grande — porto marítimo onde poderiam operar a junção dos federalistas de Joca Tavares com os revoltosos na Armada, para, dali, conquistarem Porto Alegre e derrubarem Julio de Castilhos, além de atraírem as divisões gaúchas do Centro e do Oeste que operavam em Santa Catarina.

Permitiu, outrossim, que a Divisão do Sul, enviada em seu socorro, substituísse, na imensa fronteira aberta entre Bagé e Santana, a tropa do General Izidoro neutralizada por prisão ou degola.

Mais tarde, Carlos Telles socorreu a tempo o porto de Rio Grande, ameaçado pelo ataque de federalistas e revoltosos liderados

pelo Almirante Custódio de Mello. Em Canudos, Telles, com o seu legendário 31º, participou da 4ª e última expedição, na Coluna Savaget. Foi ferido em combate. Improvisou, com seus infantes, um Esquadrão de Cavalaria que desempenhou importante e inovador papel tático, na prevenção de emboscadas e surpresas, e logístico, no arrebanhamento de gado, essencial à alimentação da coluna.

Ele retornou a Bagé coberto de glórias como general-de-brigada, promovido em 15 de novembro de 1897, aos 49 anos de idade e 32 anos de serviço.

Seu nome virou legenda na fronteira de Bagé, no Rio Grande do Sul, e no Exército.

Faleceu de ataque cardíaco, em Bagé, na manhã de 7 de setembro de 1899, ao montar seu cavalo para presidir à parada comemorativa do 77º aniversário da Independência do Brasil.

Antônio Ernesto Gomes Carneiro (1846-94)¹⁴

Nasceu em Serro-MG, próximo a Diamantina, em 18 de novembro de 1846. Encontrava-se no Rio ao eclodir a Guerra do Paraguai. Tentou, sem sucesso, ingressar na Escola Militar. Decidiu então ser médico. Ele foi o Voluntário da Pátria nº 1 a alistar-se no 1º Corpo ali organizado. Como soldado VP combateu os invasores paraguaios em São Borja, em 10 de junho de 1865, ao comando

14. Estudaram-no, entre outros, J. B. Magalhães op. cit., nota 12; Cândido M. Rondon. *Gomes Carneiro — centenário*. Rio, Gab Foto — Exército, 1946; Robson Lopes Papandréa *Cadernos da Comissão...* Rio, Bibliex-SENAI, 1991 pp. 245 e Maria Cecília Ribas Carneiro in: *Anais do CNHPPC da República no Brasil*. Rio, IHGB, 1984, v. 3, pp. 95 ss. O jornal *A Lapa*, ano V, nº 67 Edição Histórica sobre o cerco da Lapa em seu centenário e editado pela Prefeitura da Lapa é preciosa fonte sobre aquela epopéia e seus heróis e mandado editar pelo prefeito Joacir Gonçalves.

do Coronel João Manoel Mena Barreto. Combateu em toda a Campanha do Paraguai. Ferido gravemente em Estero Bellaco, ficou aleijado da mão esquerda. Foi ferido, pela segunda vez em Lomas Valentinas e, pela terceira, em Peribebuf. Neste último combate, viu tombar, ferido de morte, o agora General João Manoel, seu primeiro e bravo comandante.

Em defesa da Pátria, empenhou nesta guerra a sua juventude, o seu sangue, o seu corpo e a sua alma. Ascendeu a tenente no Corpo de Voluntários. Antes do término da guerra, foi promovido a alferes do Exército, por bravura, e mandado servir no 14º BC (raiz do 6º BI de Caçapava-SP). Frequentou a Escola Militar no Rio (1871-75, Infantaria e Cavalaria). Em 1876 cursou, com brilho, fazendo jus a Espada de Honra, a Escola de Tiro (Realengo) comandada pelo intrépido e legendário herói popular do Exército, Coronel Antônio Tibúrcio Ferreira, que o convidou para secretário e instrutor de Artilharia. Com Tibúrcio, seguiu para a Escola Militar de Porto Alegre e lá se constituiu no melhor colaborador de seu comandante o qual, a certa altura, lhe fez esta referência oficial consagrada: "Este oficial sempre conquista menção especial dos chefes com quem serve. Pertence à turma brilhante dos estudantes que correram pressurosos às armas como Voluntários da Pátria. De soldado, e sem o menor privilégio ou recomendação que não por mérito pessoal, virtudes militares e valor revelados em muitos combates, conseguiu elevar-se ao posto de tenente... Não tenho encontrado, durante 27 anos de serviço, soldado mais completo e nem oficial mais

nobre do que o Capitão Gomes Carneiro... Ele estuda com interesse tudo o que se refere à profissão das armas..."

A admiração recíproca entre os dois bravos, foi selada com o casamento de Gomes Carneiro com Margarida, filha do Coronel Tibúrcio.

Em 1880, Gomes Carneiro concluiu Engenharia na Escola Militar, aos 34 anos. Era um soldado completo: Infante, Cavalarião, Artilheiro e Engenheiro. Trabalhou na construção de ferrovias e linhas telegráficas e esteve no Paraná e Santa Catarina como inspetor das colônias Juathy e Santa Tereza. Integrou a Comissão de Construção de Linhas Telegráficas, onde fez o seguinte apelo: "Tenente Cândido Rondon, venha desbravar os sertões do Brasil comigo!", e dele, Rondon, recebeu influência decisiva. Militarizou o Corpo de Bombeiros do Rio, onde combateu a Revolta na Esquadra. Foi aí que recebeu a derradeira missão, que cumpriria exemplarmente, com o sacrifício da própria vida. Missão que assim interpretamos: "*Conter a todo o custo os federalistas e revoltosos na Armada concentrados em Santa Catarina que invadirão o Paraná com o objetivo de conquistá-lo e após atingir São Paulo e o Rio de Janeiro. Isto, até dar tempo para que o governo possa enviar recursos ou concentrá-los na barreira de Itararé, em São Paulo e organizar a Esquadra Legal.*"

No "cumprimento fiel a todo o custo" teve o seu glorioso e épico, mas mortal, encontro com a História Militar do Brasil, na Lapa.

A ele muito se ajusta este verso de Camões,¹⁵ o poeta soldado:

15. *Lusíadas* — Canto IV — LXXVIII.

*"Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde ou que periga,
Que quando ao medo infame não
[se rende
Então, se menos dura, mais se estende."*

O CERCO DE BAGÉ

Joca Tavares, ao invadir o Rio Grande pela segunda vez, deu início ao cerco de Bagé, em 23 de novembro de 1893. A seguir, com o grosso estimado em 5.000 homens, atacou o Comando-em-Chefe das Operações contra a Revolução no Rio Grande, na Estação de Hulha Negra, próxima a Bagé. Após renhido combate, os governistas, ao comando do Marechal Izidoro, se renderam sob garantia de vida. A negociação foi feita por representação governista delegada ao Coronel de Infantaria Donaciano Pantoja, comandante do 28º BI do Exército, a mais expressiva força à disposição do Marechal Comandante-em-Chefe.

O acordo de rendição sob garantia de vida foi desrespeitado pelos federalistas, dando lugar, segundo consenso da história, tradição e folclore do Rio Grande, ao massacre,¹⁶ por degola, de mais de 300 civis que constituíam a Cavalaria Civil Patriota do Marechal Izidoro.

O massacre sem precedentes em nossa História Militar, foi executado, segundo o escritor federalista Wenceslau Escobar,¹⁷ "pelo uruguaio Adão Latorre com uma companhia de argentinos, mercenários correntinos". O escritor assim se referiu ao episódio: "Perante as leis da Humanidade, jamais os assassinatos de Rio Negro poderão ser justificados." Sob a responsabilidade moral de Joca Tavares, até que o Tribunal da História o absolva, foi executado, segundo aponta a História, por seu irmão, genro e sobrinho José Bonifácio Nunes da Silva Tavares (Zeca Tavares).¹⁸

Tropas capturadas do Exército, do 28º BC e parte do Corpo de Transportes, foram obrigadas a lutar contra o Governo com o

16. Vide, do autor, artigo na *RIHGB*, 1993, na *Zero Hora* Porto Alegre, 27 de novembro de 1993, *Letras em Marcha*, novembro/dezembro de 1993, *O Liberal*, Canguçu-RS, 26 de novembro de 1993, no *Folha Popular*, Santana-RS, 30 de novembro de 1993, no *Tradição*, Porto Alegre, novembro de 1993 e em *Revolução Federalista*. Palegre, CIPTEL, 1993 (Antologia) etc. Sendo assunto controverso encaminhamos, a diversas entidades, monografia sob o título "O Massacre do Rio Negro" para estudo mais sereno que se impõe. Estudo enviado ao IHGSC e ao IHGA Paraná. O massacre do Rio Negro tem sido objeto de uma ação memoricida, com vistas a ocultá-lo da posteridade. Foi disfarçado pela lenda da Lagoa da Música e própria *História do Exército* (Brasília, EME, 1972) v. 2, p. 101, através do escritor convidado para redigi-la, que reduz o episódio a um cerco rompido pelos federalistas. Menciona que o 30º BI foi massacrado, o que não aconteceu. Enfim, é um capítulo que necessita revisão, que procuramos fazer no projetado *História da 3ª RM*. O massacre do Rio Negro é um exemplo de manipulação histórica e de ação memoricida até agora bem sucedida. A intervenção que aqui fazemos é em homenagem aos traídos no Rio Negro e aos dois mártires do Exército que foram fuzilados por protestarem com a traição seguida de massacre.

17. Apontamentos para a Revolução Rio-grandense. Palegre, Liv. Globo, 1920 e reeditado pela Universidade de Brasília e que apreciamos em artigo "A Revolução em Canguçu" em *A Revolução Federalista*. Porto Alegre, CIPTEL, 1993. O livro de W. Escobar e xifópago da resposta a ele — *O Coronel Sampaio e os Apontamentos do Dr. Wenceslau Escobar*, publicado no mesmo ano e na mesma editora. É obra rara, pouco consultada e, particularmente, referenciada. Foi Wenceslau Escobar, na op. cit., que mencionou, injustamente, que Gomes Carneiro havia mandado atirar em civis, o que causou grande irritação no Paraná e em Mario Tourinho, veterano da resistência da Lapa. Por esse detalhe pode-se concluir a paixão partidária do autor.

18. Vide libelo em poesia popular por Carlos Benjamin da Silva, in: *Fontes da História da Revolução de 93*. Bagé, URCAMP, 1992:

nome de Batalhão Ernesto Paiva.¹⁹ Igual destino teve a tropa da Brigada Militar. Pereceu em ação seu comandante, Utalis Lupe.²⁰

Por haverem protestado por tamanha traição e fereza, foram fuzilados dois oficiais do Exército, um dos quais foi o alfares Napoleão. Um oficial civil preferiu o suicídio à humilhação da degola por mercenários estrangeiros em sua pátria.²¹

Tarcísio Taborda, magistrado e historiador bageense, assim classificou o massacre do Rio Negro:²² *“Rio Negro, terrível episódio que dizimou governistas e se tornou o símbolo da traição e da deslealdade para com o inimigo já vencido.”*

O Coronel Sampaio, comandante da Divisão do Sul, que libertou Bagé, deixou impressionante depoimento sobre o que viu em Rio Negro.²³

A partir da obra do citado Wenceslau Escobar, de 1920, alguns escritores procuram explicar a hecatombe de Rio Negro²⁴ com apoio no telegrama, urgente, reservado e cifrado,²⁵ expedido em 2 de novembro de 1892, de Bagé, ao Marechal Floriano, por

seu enviado ao Sul para conferenciar com Joca Tavares — o General João Telles, que mais tarde iria combater o próprio Joca Tavares, por cerca de 8 meses, até ser substituído pelo Marechal Izidoro Fernandes.

O telegrama não resiste à crítica histórica, à luz da Heurística, quanto à sua **integridade** e **veracidade**. Quanto à **integridade**, por ser desconhecido, até hoje, o texto em claro da parte em código. Quanto a **veracidade**, por haver o irmão de Joca Tavares, o Dr. Francisco Tavares e Barão de Santa Tecla denunciado os reais objetivos da conferência Joca Tavares x João Telles.²⁶

O massacre do Rio Negro tem suas raízes no combate do Seival, de 10 de setembro de 1836,²⁷ no qual Antonio Netto, liderando ancestrais de Bagé, Piratini, Canguçu e Pinheiro Machado, dos massacrados em Rio Negro, impuseram pesada derrota ao Coronel João da Silva Tavares, pai de Joca Tavares, que também partilhou da derrota. O combate criou condições para a Proclamação da República Rio-grandense, em Campo do Meneses, no dia seguinte.

19. Morto na reação a revolta em Porto Alegre em junho de 1992 que repôs Julio de Castilhos no governo do Rio Grande. Era um leiloeiro.

20. Vide Ivo Gagliani. Um século da morte de Utalis Lupi. *A Platéia*. Santana, 1º de dezembro de 1993 (Comandante morto em Rio Negro).

21. Confirmado por Tarcísio Taborda, na abertura do Simpósio de Microstória em D. Pedrito, outubro de 1993, tendo sua palestra por título: Microstória.

22. Conclusão que mencionou na fonte citada, na nota 12.

23. Vide consideração nota 17. O Coronel Sampaio foi o comandante da Divisão do Sul que obrigou os federalistas de Joca Tavares a levantar o sítio de Bagé. Os historiadores devem submeter a Heurística as duas fontes. Vem predominando as considerações de W. Escobar, em razão da raridade da do Coronel Sampaio.

24. Classificação de Germano Hasslocher ex-federalista indignado com o massacre em obra. *A verdade sobre a revolução*. Palegre, s/ed., 1894, 1ª ed. Saíram mais duas edições.

25. Publicado na obra Epaminondas Villaba. *Revolução Federalista no RGS*. Rio, Laemert, 1897. Doc 36, p. 69.

26. *Op. cit.* nota anterior, Doc 41, pp. 85-87.

27. Vide, do autor, “O combate do Seival”. *ADN* nº 706, julho/agosto de 1986, pp. 44/85 e *Diário Popular*, Pelotas, 11 de junho de 1985. A Brigada do General Netto era constituída de gente dos atuais municípios de Bagé, Piratini, Canguçu e Pinheiro Machado, que constituíam então o município de Piratini, terras natais dos massacrados em Rio Negro.

Considero o Combate do Seival como o berço da centenária República do Brasil, proclamada em 15 de novembro de 1889 e recentemente consagrada em prebiscito.

Sobre Rio Negro, em nome da verdade e da justiça históricas, temos produzido estudos, na *RIHGB* (Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), nos jornais *Zero Hora*, *Tradição*, *Letras em Marcha*, *Ombro a Ombro*, etc.²⁸

O massacre do Rio Negro foi respondido, em Boi Preto-RS (14 de abril de 1894) sob a responsabilidade de Firmino de Paula, imolando federalistas sem nenhuma ligação como ele.

REPERCUSSÕES DO MASSACRE DO RIO NEGRO

A derrota, seguida do massacre do Rio Negro e do cerco de Bagé, alarmou o governo central. Foi um duro golpe estratégico. O Ministro da Guerra e amigo de Floriano Peixoto, General-de-Brigada Antônio Francisco de Moura, deslocou seu QG para Porto Alegre e assumiu a direção das operações contra a Revolução no Rio Grande. Fez o comandante da atual 3ª RM, General Bacellar, deslocar o seu QG para a cidade de Rio Grande e incumbir o Coronel João Cezar Sampaio, comandante do 29º BI e das guarnições de Pelotas e Rio Grande, de organizar, a partir de Pedro Osório (atual), a Divisão do Sul,²⁹ para socorrer Bagé,

cercada, e cobrir a fronteira Bagé-Santana, aberta desde a destruição da força do Marechal Izidoro, em Rio Negro, e do cerco de Carlos Telles, em Bagé.

A RESISTÊNCIA DE BAGÉ

O cerco de Bagé foi iniciado em 23 de novembro. Em 28, foi bastante apertado, após eliminada a resistência em Rio Negro, onde os federalistas receberam substanciais reforços — homens, cavalos, armamento e munição. O cerco durou 46 dias.

Só foi levantado à aproximação da Divisão do Sul e, também, da Divisão do Oeste, que cerrava, vinda da região SO do Rio Grande, ao comando do General honorário Hipólito Pinto Ribeiro. Durante 46 dias, sob a firme e obstinada liderança do Coronel Carlos Telles, os defensores de Bagé escreveram uma página imortal de resistência a todo o custo. O cerco foi rigoroso. Os defensores, circunscritos a um pequeno espaço em torno da catedral São Sebastião, presenciaram deserções dos fracos e dos dúbios, sofreram os efeitos da espionagem e de atiradores de tocaia. Sentiram os efeitos da fome, da sede e da falta de remédios. Comeram figos crus, caruru cozido e tudo que pudesse abrandar-lhes a fome. Até o cavalo tordilho de Carlos Telles foi devorado. Carlos Telles foi ferido num ombro, a bala, ao liderar, pessoalmente, um contra-ataque a uma derradeira tentativa federalista de atingir

28. Vide nota 16. O artigo foi publicado no *Jornal do Commercio*, no Rio. Não o foi no *Diário Popular* de Pelotas, talvez por ter sido extraviado.

29. A organização detalhada da Divisão do Sul e sua atuação consta da *op. cit.* do Coronel Sampaio na nota 17. Obra que, por um mistério, esgotou-se e é xifópara da que ela respondeu.

o centro da resistência ao cerco, através de uma brecha resultante da demolição de muros e paredes de casas. Essa resistência lendária, mas pouco conhecida e divulgada no Brasil, provocou, entre os 900 defensores, 121 baixas, das quais 24 mortos. Um irmão de Gomes Carneiro comandou a resistência na trincheira entre as ruas Amazonas e Veríssimo.

Escreveram essa página épica, sob a liderança de Carlos Telles, o 31º BI (formador do 9º BI Mtz-Pelotas), o 4º R Artilharia (unidade ainda em Bagé), parte do Corpo de Transporte, ao comando do neto homônimo do líder farrapo Bento Gonçalves da Silva, e um contingente do atual 1º BFv sediado em Lajes-SC. Esse conjunto do Exército foi reforçado por um batalhão da Brigada Militar, por Patriotas de Bagé e pela Guarda Aduaneira. Não havia Cavalaria.

Cercar Bagé por 46 dias e ali esgotar-se, após eliminada a resistência de Rio Negro, foi um grave erro estratégico de Joca Tavares. Ele poderia, com sua força à base de Cavalaria, ter fixado Bagé e prosseguido sobre Pelotas e Rio Grande por ferrovia. Em Rio Grande, acolheria revoltosos da Armada, para prosseguir sobre Porto Alegre, derrubar Julio de Castilhos e, a seguir, apoiar os federalistas e revoltosos de Santa Catarina e Paraná rumo ao Rio, por atrair sobre si as divisões gaúchas do Centro e do Norte. Ao contrário, se exauriu no cerco de Bagé e deu tempo para a mobilização da Divisão do Sul, enviada para libertar Bagé ao comando do

Coronel Sampaio, que deixou, sobre sua missão, importante mas raríssima fonte de ensinamentos, muito pouco explorada e curiosamente ausente na maior parte das bibliografias de trabalhos sobre a Revolução Federalista no Rio Grande. Predominando, em seu lugar, a obra de Wenceslau Escobar, em resposta à sua. Elas são, insisto, fontes xifópagas que não podem ser apreciadas isoladas por quem se intitula historiador.

Carlos Telles recebeu diversos apelos para a capitulação. Entre eles, os de Joca Tavares e Zeca Tavares, aos quais mandou dizer: *“Peço que transmitam ao General (Joca) Tavares que o nome e as glórias que alcançou foram no seio do Exército, e, portanto, não pode ignorar que o soldado brasileiro não capitula, mesmo que se encontre fraco, e muito menos nós que estamos fortes, defendendo um governo legalmente constituído e as instituições de nossa Pátria. Ele, General Tavares, é que deve depor as armas, porque está fora da lei como revolucionário...”*

Enviou recado duro e firme aos desertores do Exército das tropas de Tavares que apelaram a que se rendesse.

O CERCO DA LAPA

A Revolta na Armada,³⁰ com apoio de federalistas, estabeleceu seu governo na Ilha de Santa Catarina. Atraídos por este evento e sob pressão das divisões gaúchas do Centro e do Norte,³¹ os revolucionários Gumersindo

30. Estudámo-la no artigo “O Centenário da Revolta da Esquadra” (1893-94) na ADN, 762, Out/Dez 1993, pp. 25-58, com 36 notas ao texto, extensa lista de fontes consultadas e 4 apêndices: Navios de guerra que participaram da intervenção estrangeira; “A Esquadra de Papelão”; o embaixador do Brasil nos EUA; e o Almirante Jerônimo Gonçalves, comandante da Esquadra Legal. Foi palestra no IHGB sobre a Diplomacia do Brasil na República Velha.

31. A do Centro era comandada pelo General Arthur Oscar, que comandaria a 4ª expedição a Canudos, tendo por força principal o 30º BI de Porto Alegre. A do Norte, proveniente das Missões, era comandada pelo General Rodrigues Lima, da qual fazia parte Pinheiro Machado. Existia a Divisão do Sul criada para libertar Bagé e a do Oeste, na região Sudoeste do Rio Grande, e em cuja zona-de-ação pereceu o Almirante Saldanha da Gama.

Saraiva, Piragibe e Salgado, para lá se dirigiram.

Para reconquistá-la, o Governo nomeou o General Argolo, comandante da atual 5ª RM que, no Paraná, encontrou um quadro desolador: as unidades do Exército (17º BI, 8º RC e 4º R Art) eram nominais; juntas, possuíam um efetivo de cerca de 200 e, com o Batalhão de Segurança do Paraná, somavam 400 homens.³²

Após fazer o possível dentro do alcance de sua liderança para colocar essa tropa urbana em campanha, iniciou sua missão. De 1º a 12 de novembro de 1893, percorreu Curitiba, Lapa, Rio Negro, Lençóis, São Bento e Thompson, sem receber os reforços esperados. Informes que recebeu deram conta da possibilidade de ser atacado pela frente e retaguarda, pelos federalistas, e colocar em perigo a única força do Exército do Paraná. Contramarchou, de 13 a 26 de novembro, até a Lapa, onde passou o comando ao Coronel Gomes Carneiro e retornou ao Rio. No Sul, faziam três dias que havia sido iniciado o cerco de Bagé e estava sendo travado o combate do Rio Negro. A nível federal, a situação era grave e, no Rio, a Revolta na Armada continuava ameaçadora.

Por 51 dias, até o início do cerco da Lapa, Gomes Carneiro fez tudo para bem cumprir sua missão.

Projetou uma ofensiva que a prudência do líder civil da Lapa o bravo Coronel Lacerda desaconselhou e que Floriano prudentemente desaprovou em 14 de dezembro de 1893, através do General Pego

Junior, que então assumira o comando da atual 5ª RM. A desaprovação chegou no momento que Gomes Carneiro havia obtido brilhante vitória sobre Piragibe, em 13 de dezembro, na ponte sobre o Rio da Várzea. A partir de 14, recebeu ordem de defender, a todo o custo, a Lapa. No Sul, à essa época, havia ocorrido o massacre do Rio Negro, Bagé estava no 21º dia de cerco e a Divisão do Sul, para socorrê-la, em organização em Pedro Osório-RS atual.

O efetivo da Lapa fora reforçado com a Guarda Nacional e oscilou de 400 a 1.400, caindo para 900, após dali serem retirados 500 homens pelo General Pego Junior, e, finalmente para 500 homens, em consequência de deserções, mortes e ferimentos durante o cerco.

Quando o General Pego Junior partiu em socorro da Lapa, com 400 homens, ela já estava cercada. Retornou a Curitiba, célere, e sua tropa “evaporou-se no caminho”. No dia 19 de janeiro, já levantado o cerco de Bagé havia 11 dias, o General Pego se dirigiu a São Paulo com somente 70 homens. No dia anterior, a Lapa tinha sido isolada do mundo pelo telégrafo e pela ferrovia. O General Pego Junior foi destituído do comando, julgado e condenado a morte, por haver desamparado Gomes Carneiro. Posteriormente, foi absolvido pelo STM e reintegrado ao Exército, como professor de Descritiva, na Escola Militar. Teve sua atitude defendida por Rocha Pombo³³ e pelo Coronel Cordolino de Azevedo³⁴ — defesas a serem consideradas num julgamento sereno pelo Tribunal da

32. Vide Mario Tourinho, general-de-brigada. Memória do cerco da Lapa. REB, nº 4, 1993, pp. 7-28.

33. *Correio da Manhã*, Rio, 12 de dezembro de 1925.

34. O General Pego Junior e a invasão do Paraná. Rio, Santa Cruz dos Militares, 1944.

História. Pego Junior viera do comando da atual 3ª RM³⁵ e esta é uma grande diferença dos cercos de Bagé e da Lapa. Para socorrer Bagé foi organizada a Divisão do Sul. Em 22 de janeiro de 1894, sétimo dia de cerco, a Lapa conheceu a retirada do general para São Paulo e a queda de Tijucas, fato que provocou muitas deserções. A Lapa teria que contar somente com os seus recursos para enfrentar reforços da frente de Tijucas etc.

A RESISTÊNCIA DA LAPA

O cerco durou 26 dias, de 17 de janeiro a 11 de fevereiro de 1894, ou 20 dias menos do que o de Bagé. Na Lapa, os atacantes ocuparam elevações ao seu redor, com dominância de vistas e fogos, o que não ocorreu em Bagé, onde a posição de resistência era protegida pelo casario e pelas trincheiras, muitas delas feitas com fardos de lã de ovelha.

Os atacantes cercaram a Lapa a distância e, aos poucos, foram apertando o cerco e dirigindo, sobre suas defesas, descargas de fuzil e Artilharia. Dia 18 foi cortado o telégrafo. De 15 a 21 de janeiro, foram seis dias de expectativas. Dia 22, após Gomes Carneiro repelir proposta para parlamentar, travou-se um grande combate. Foi grande a decepção na praça ao conhecer a queda de Tijucas e a retirada do General Pego e, com isso, a desesperança de reforços. Houve muitas deserções e os atacantes conquistaram importantes posições aproximadas da

resistência, no Cemitério, Engenho Lacerda e Estação Ferroviária. De 23 a 26 de janeiro, por quatro dias, os defensores foram caçados a tiros de fuzil e martelados pela Artilharia, reforçada com canhões terrestres e navais, para ali rocados depois das quedas de Paranaguá, Curitiba e Tijucas.

Dia 27 de janeiro os atacantes assestaram um canhão e uma metralhadora no Cemitério e ocuparam a importante posição do Alto da Cruz. Aí o cerco aproximado da Lapa se consumou e a resistência se concentrou num retângulo de cerca de 800 x 400 metros. A essa altura dos acontecimentos, o panorama era desolador. Animais mortos, homens cansados e estressados, a munição escasseando. As chuvas transformaram as trincheiras em lodaçais e a posição continuava sendo martelada por fuzis e Artilharia. Dia 2 de fevereiro, sob a liderança de Gomes Carneiro, foi repellido um ataque pelo Sul, Norte e Leste.

Dia 4, os atacantes usaram o ardil de um combate simulado com republicanos em socorro à Lapa, para obrigar Gomes Carneiro a sair das trincheiras, à procura de junção com os socorristas. Nem se moveu. Preocupados, seus auxiliares perguntaram como ele havia descoberto o ardil e o antigo instrutor de Artilharia respondeu: "Os canhões estão dando tiros de pólvora seca..."

Dia 7, travou-se violento combate, e os federalistas que tentaram penetrar na posição foram repellidos. Aí começou a tragédia da Lapa. Quando Gomes Carneiro liderava a resistência, foi ferido mortalmente ao socorrer um companheiro. Atingido quando praticava

35. Estudámo-lo e a sua ação no comando da atual 3ª RM, na projetada *História da 3ª RM*, v. 2.

a forma mais excelsa de virtude militar, a camaradagem, o socorro de um companheiro ferido. Gomes Carneiro continuou a exortar à defesa a todo o custo. Dia 9, após seu corpo baixar a sepultura, tudo começou a desmoronar. Ainda havia víveres para 4 dias e 400 homens nas tricheiras. O comando foi repartido entre as forças do Exército e as civis. Mario Tourinho mencionou cerca de 61 baixas das quais 6 oficiais mortos, 3 feridos e 50 soldados, entre mortos e feridos, ou seja, a metade das baixas em Bagé, mais acentuada entre os oficiais. Dia 11, ocorreu a capitulação generosa, diferente da de Rio Negro, onde os civis foram massacrados, e talvez o tivessem sido em Bagé, caso ela tivesse caído em poder dos mesmos responsáveis morais pelo massacre de Rio Negro. A capitulação é descrita por Davi Carneiro e Mario Tourinho, que ali combateu.³⁶

“A resistência da Lapa cavou a sepultura da Revolução.” Os defederalistas hesitaram entre fixar a Lapa e prosseguir para o Norte, ou eliminar a sua resistência, temendo que as divisões gaúchas do Centro e do Norte a libertassem e, com ela, engrossassem as forças republicanas em seu encalço.

O tempo gasto com a resistência a todo o custo dos heróis da Lapa, civis e militares, liderados pelo providencial General Gomes Carneiro, secundado pelo Coronel Joaquim Lacerda, permitiu tornar intransponível a barreira de Itararé e ganhou tempo para a organização da Esquadra Legal no NE, livre de intervenção de Custódio de Mello, que a Lapa fixou e que possuía domínio naval sobre o litoral.

A equação do tempo foi agravada com os revolucionários desperdiçando-o em festas e bailes em Curitiba, segundo Izidoro Dias Lopes, revolucionário também.

A dupla ata de capitulação da Lapa exigida pelos líderes revolucionários abriu as portas, na Lapa legendária, aos demônios de difícil exorcização, que todas as revoluções carregam em suas entranhas e que determinam, na maioria das vezes, sua própria destruição. As contradições, disputas por liderança, inveja, ciúmes, vaidades e ambições incontroláveis, etc. determinaram a perda da unidade de comando e a confusão. Os “demônios” minaram a revolução da Lapa, Curitiba e Ponta Grossa dando tempo precioso às forças do Governo lançadas de Itararé para que, sem reação, entrassem em Curitiba, em 1^o de março de 1894, cerca de 2 meses e meio após a capitulação da Lapa e libertassem o Paraná. Esta foi, mais uma projeção da resistência a todo o custo da Lapa imortal, para não se falar no tempo que assegurou à organização da Esquadra Legal no Recife.

A barreira de Itararé, que provocou a reunião de federalistas em Ponta Grossa, de onde decidiram retornar ao Sul, foi documentada pelo Coronel PMSP Pedro Dias Campos,³⁷ em obra pouco conhecida, consultada e referenciada.

As resistências épicas aos cercos de Bagé e da Lapa colocaram, no Panteon dos heróis militares do Brasil, os Generais Carlos Telles e Gomes Carneiro e seus liderados nas resistências que comandaram, bem como Gumer-

36. Vide *op. cit.* nota 32 e de Davi Carneiro. *O cerco da Lapa e os seus heróis*. Rio, Bibliex, 1991. Ele descreve o cerco e a moldura de seus antecedentes e conseqüências.

37. *A Revolta de 6 de setembro — A ação de São Paulo*, Paris, Tip. Hillaud, 1915.

sindo Saraiva³⁸ e seus “Voluntários do Martírio”,³⁹ e Custódio de Mello, generosos na capitulação de Paranaguá, Tijucas e Lapa.

O General Joca Tavares, embora tenha representado a revolução, na Paz de Pelotas,⁴⁰ não mereceu o mesmo destaque pela responsabilidade moral perante o Tribunal da História pelo massacre do Rio Negro, de civis inermes que capitularam sobre garantia de vida.

E mais, por haver se esgotado no cerco de Bagé onde fracassou, ao invés de fixá-la, desperdiçando as seguintes possibilidades:

- conquistar Pelotas, centro da resistência republicana, liderada pelo Coronel Pedro Osório;

- conquistar Rio Grande e, ali, em seu porto, operar junção com a Revolta na Esquadra, que lhe criaria condições de:

- ligar-se, através dos navios revoltosos, com os federalistas de Santa Catarina e

Paraná, pelos portos de Florianópolis (atual) e Paranaguá etc;

- conquistar mais um porto para a Revolta na Esquadra;

- com auxílio da Revolta na Esquadra, tentar conquistar Porto Alegre, depor Júlio de Castilhos e assumir o controle do Estado;

- atrair, sobre o Rio Grande, as divisões gaúchas do Centro e do Norte, aliviando as frentes federalistas em Santa Catarina e Paraná;

- e, finalmente, reforçar os revolucionários de Santa Catarina e de Paraná,⁴¹ e prosseguir para o Rio.

História é verdade e justiça.

A razão de não haver prosseguido sobre Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre é um enigma. Passou a integrar o rol das ocasiões perdidas, como, na última guerra, Dunquerque não ter sido atacada e impedida a retirada de ingleses e franceses para a Inglaterra. □

SIGLAS E ABREVIÇÕES

AMAN — Academia Militar das Agulhas Negras.

ANAIS do CNHPPC da República no Brasil — Anais do Congresso Nacional de História da Propaganda, Proclamação e Consolidação da República no Brasil. Rio, IHGB, 1989, 3v.

BIBLIEX — Biblioteca do Exército.

CADERNOS da COMISSÃO... — Cadernos da Comissão Coordenadora no Exército das Comemorações dos Centenários da República e da Bandeira Nacional. Rio, Bibliex-Senai, 1991.

ADN — A Defesa Nacional, revista.

38. Refere-se, com grande admiração, a Gumersindo Saraiva, o General José Cândido da Silva Muricy, em *A Revolução de 93 nos Estados de Santa Catarina e Paraná (memórias)*. Rio, Bibliex, 1946.

39. Título do livro do Dr. Angelo Dourado, médico baiano que casou em Bagé e acompanhou Gumersindo Saraiva em sua marcha. Existe uma edição em Pelotas, Liv. Americana, 1896 e outra fac-símile, Porto Alegre, Martins Livreiro, 1977.

40. Sobre a paz de Pelotas e a Revolução, existem valiosos documentos na obra *Arquivos presidenciais — Prudente de Moraes*. Rio, IHGB, 1990, organizada por Herculano Mattias.

41. O futuro General José Bernardino Bormann, 1844-1925, natural de Pelotas e futuro chefe de Estado-Maior do Exército, combateu a Revolução no Paraná e escreveu o livro *Dias Fraticidas — História da Revolução Federalista no Paraná*. Curitiba, 1901 e 1906. 3v. Era veterano do Paraguai. Fora ajudante-de-ordens e biógrafo de Caxias. Historiador, autor de obra sobre as guerras contra Oribe e Rosas, Aguirre e do Paraguai.

QG — Quartel General.

RCM — Revista do Clube Militar.

REB — Revista do Exército Brasileiro.

RIHGB — Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

RM — Região Militar.

S Doc Ge Marinha — Centro de Documentação Geral da Marinha.

VP — Voluntários da Pátria.

QUADRO COMPARATIVO DAS RESISTÊNCIAS AOS CERCOS DE BAGÉ E DA LAPA

FATORES DE COMPARAÇÃO	CERCO DE BAGÉ 23 Nov 1893 - 8 Jan 1894	CERCO DA LAPA 16 Jan a 11 Fev 1894
- Comandantes da resistência	- Cel Inf. Carlos Telles	- Cel Eng. A. Gomes Carneiro
- Comandantes dos cercos	- João Nunes da Silva Tavares	- Gumersindo Saraiva
- Duração dos cercos	- 46 dias	- 26 dias
- Efetivo atacante	- Cerca 3.000	- Cerca 3.000
- Efetivo cercado	- 900	- 900
- Baixas nos defensores	- Cerca de 124	- Cerca de 63
- Natureza das baixas	- 4 of mortos 4 of feridos 30 pr mortas e 4 pr feridas As baixas não incidiram sobre as lideranças da resistência. Alguns oficiais mortos eram auxiliares de Carlos Telles que foi ferido	- 09 of mortos 8 of feridos 21 pr mortas, 33 pr feridas As baixas por mortes incidiram sobre as lideranças da resistência — Gomes Carneiro, Dulcideo, Amintas e foi o dobro entre os oficiais do que Bagé.
- Uso de Artilharia pelos atacantes	- Não usaram e não a tinham	- Houve uso pesado e reforçado
- Atuação Infanteria na defesa da posição cercada	- Foi em maior nº e mais eficaz com o 31º BI mais treinado	- Foi em menor nº e reduzida a do 17º BI com a metade em SC
- Domínio de vistas e fogos sobre a tropa cercada	- Não houve. Os atacantes estavam no mesmo nível da defesa.	- Houve das elevações que circundam e dominam a Lapa.
- Temor de massacre dos defensores	- Havia face ao massacre do Rio Negro conhecido em Bagé.	- Não houve à luz da capitulação generosa de Tijuca
- Esperança de recebimento socorros	- Havia e ocorreu no 46º dia de cerco com a Divisão do Sul	- Não havia e não ocorreu. Era a única resistência
- Deserções	- Houve em menor número. O moral era mais elevado.	- Houve em grande número após o 5º dia de cerco
- Fome entre os defensores	- Houve. Foram esgotadas as provisões e consumido tudo que pudesse servir de alimento	- Na capitulação ainda existiam víveres para 4 dias
- Munição dos defensores	- Escasseou mas não faltou	- Escasseou mas não faltou

(continua)

QUADRO COMPARATIVO DAS RESISTÊNCIAS AOS CERCOS DE BAGÉ E DA LAPA

(continuação)

FATORES DE COMPARAÇÃO	CERCO DE BAGÉ 23 Nov 1893 - 8 Jan 1894	CERCO DA LAPA 16 Jan a 11 Fev 1894
- Uso da Artilharia pelos defensores	- Existia e atuou bem	- Existia e atuou bem
- Qualidade da posição	- Melhor e não dominava. Houve apoio de Engenharia	- Pior e dominada
- Resultado da resistência	- Não capitulou	- Capitulou 26º dia de cerco
- Unidade de Comando	- Houve nas mãos de Carlos Telles todo o tempo	- Não foi efetiva houve problemas e ruído após o ferimento de Gomes Carneiro.
Projeção Estratégica das Resistências	<p>Impediu Joca Tavares de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conquistar Pelotas liderança republicana na Zona Sul-RS - Conquistar o porto de Rio Grande e operar junção com a Revolta da Esquadra. - Com apoio naval conquistar Porto Alegre e depor Júlio de Castilhos. - Atrair para o Rio Grande do Sul suas divisões do Centro e Norte aliviando a Revolução no Paraná e Santa Catarina. - Integrar a revolução no Rio Grande com SC, PR, RJ e DF através do mar. - Permitir a cobertura da fronteira aberta Bagé-Santana, com a Divisão do Sul que substituiu a tropa do Governo presa ou massacrada em Rio Negro - Liberar as atenções do Ministro da Guerra a Lapa cercada e a Revolta na Armada na Guanabara e apoiar com alunos das escolas militares a formação das guarnições dos navios da Esquadra legal 	<p>Gomes Carneiro na Lapa:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Assegurou cerca de 36 dias a organização da Barreira Itararé - Cerca de 26 dias para o Governo concentrar seus esforços no combate a Revolta no Rio - Cerca de 30 dias para a organização e adestramento da esquadra legal no Nordeste que atuou em SC e PR, 2 meses após a capitulação da Lapa. - Ajudou a fixar o Alte Custodio em SC e PR e não atacar, tendo o domínio naval, a Esquadra Legal em organização no Nordeste. Deu tempo a aproximação das divisões gaúchas do Centro e Norte pressionaram mais perto a Revolução no PR e SC - Retardou por cerca de 135 dias o ataque de Custódio ao Porto do Rio Grande que por volta de 20 Jan teria sido surpreendido conquistado e de difícil retomada e, assim, dotar a Revolução e a Revolta de portos Rio Grande, Paranaguá, Florianópolis e Rio etc. - Se Tijuca tivesse resistido mais e não se rendido em condições de muito resistir segundo Izidoro Dias Lopes, teria se agravado mais o retardo da Revolução e Revolta no Paraná.

CONCLUSÃO

Para a menor duração da resistência na Lapa concorreram:

- Dominância de vistas e fogos sobre a posição.
- Uso pesado de Artilharia contra a Lapa reforçada por Artilharia de Tijuca etc.
- Moral mais baixo com mais deserções, após conhecida a fuga do governador e cmt militar do Paraná e desesperança de receber reforços.
- Neutralização do comandante da resistência no 21º dia junto com 2 dos comandantes de unidades.
- Menor dosagem de tropas do Exército em especial infantaria e baixas entre os oficiais defensores mais de o dobro do que em Bagé, que não sofreu bombardeios de Artilharia. A desesperança de socorros minou o moral de muitos defensores menos o de Gomes Carneiro que vivo afirmava: Por aqui não passam!